

Oficinas de promoção do protagonismo feminino de mulheres rurais: o caso de Santa Helena, PR

Workshops to promote the female protagonist of rural women: the case of Santa Helena, PR

RESUMO

Verônica Bogado Camporezi
veronicacamporezi23@hotmail.com
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Santa Helena, Paraná, Brasil

Alessandra Matte
amatte@utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Santa Helena, Paraná, Brasil

Talia Callegaro de Jesus
taliacallegaro@hotmail.com
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Santa Helena, Paraná, Brasil

Andreia M. F. Heinrichs
andreia.heinrichs@santahelena.pr.gov.br
Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Santa Helena, Paraná, Brasil

Nágila Brunyele Goeller
naquila@santahelena.pr.gov.br
Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Santa Helena, Paraná, Brasil

Anderson Brilhador
brilhador@utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Santa Helena, Paraná, Brasil

Gabriela Litre
gabrielalitre@yahoo.com
Universidade Federal de Brasília, Brasília, Brasil

Recebido: 19 ago. 2020.

Aprovado: 01 out. 2020.

Direito autorial: Este trabalho está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.



O objetivo geral desse projeto é realizar oficinas de reconhecimento do papel e do protagonismo de mulheres rurais por meio do uso de métodos participativos, promovendo oportunidades de empoderamento e de construção de redes de diálogo para superação da marginalização feminina e da melhoria da qualidade de vida, aliado a formação de agrônomos humanamente mais sensíveis a questões sociais. Assim sendo, as atividades do projeto foram divididas em duas etapas, a primeira em que a equipe executora se reuniu para analisar a forma em que iria alcançar os objetivos e portanto quais oficinas desenvolver, e a segunda etapa, a aplicação do projeto com o grupo de mulheres selecionado, formado por mulheres e demais integrantes da família. As oficinas consistiram de espaço de diálogo, de modo que o grupo compartilhou histórias vivenciadas, e encontraram de alguma forma, nessas histórias, a sua própria identidade. Foram realizadas duas oficinas, pode-se notar semelhança entre as trajetórias das mulheres, em que, na maioria, tiveram uma infância de violência e trabalho árduo, que hoje refletem em suas personalidades. Pode se concluir, parcialmente, que os objetos do projeto estão sendo alcançados.

PALAVRAS-CHAVE: Autonomia. Empoderamento. Igualdade de gênero. Inclusão. Mulheres rurais.

ABSTRACT

The general objective of this project is to hold workshops to recognize the role and protagonism of rural women through the use of participatory methods, promoting opportunities for empowerment and building dialogue networks to overcome female marginalization and improve the quality of life, combined with the training of humanly sensitive agronomists to social issues. Therefore, the activities of the project were divided into two stages, the first in which the executing team met to analyze how they would achieve the objectives and therefore which workshops to develop, and the second stage, the application of the project with the group. selected women, formed by women and other family members. The workshops consisted of a space for dialogue, so that the group shared experienced stories, and somehow found their own identity in these stories. Two workshops were held, one can note a similarity between the trajectories of women, in which, in the majority, they had a childhood of violence and hard work, which today reflect on their personalities. It can be partially concluded that the objects of the project are being reached.

KEYWORDS: Autonomy. Empowerment. Gender equality. Inclusion. Rural women.



INTRODUÇÃO

O lugar que mulheres rurais ocupam nos sistemas produtivos de diferentes estabelecimentos rurais é comumente menos valorizado que os dos homens, orientado especialmente por convenções culturais de hierarquia e de relações de poder, posicionando-as em uma espécie de sombra do companheiro. Em diferentes contextos mundiais se reconhece que a atuação das mulheres no campo é fundamental para a manutenção dos sistemas familiares produtivos, mas, dependendo das relações socioculturais das quais pertence, elas são pouco valorizadas e reconhecidas em seu potencial de tomada de decisão (LISBOA; LUSA, 2010; LITRE, 2015; SPANEVELLO; MATTE; BOSCARDIN, 2016; SAITO, NOGUEIRA, 2017; LITRE; CURI, 2018).

De acordo com a Organização para a Alimentação e a Agricultura das Nações Unidas (FAO/ONU), de maneira geral, as mulheres rurais trabalham mais que os homens, visto que além do trabalho pago como produtoras ou agricultora familiares, elas habitualmente são encarregadas de educação, cuidados e alimentação de seus filhos e, muitas vezes, das pessoas idosas ou em situação de dependência (ONU, 2019). Por outro lado, apesar dessa imagem de invisibilidade na produção, a realidade, mesmo que nem sempre reconhecido pelo sistema patriarcal, é que as mulheres têm protagonismo central no desenvolvimento nos núcleos familiares, nas atividades produtivas e nas comunidades rurais, uma vez que atuam nesses espaços desempenhando papéis de agregação e organização das atividades rurais (SILVA et al., 2015; SPANEVELLO; MATTE; BOSCARDIN, 2016).

Por isso, ações que englobem a temática de gênero, especialmente no contexto rural e em atividades diretamente relacionadas à produção de alimentos, figuram como contribuição para alcançar os desafios dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente o quinto deles, igualdade de gênero. Assim, o desafio de uma estratégia de oficinas bem sucedida com esse público é mostrar para essas mulheres, e para seu entorno familiar e comunitário, a importância de sua participação nas decisões e nas ações do grupo familiar.

Particularmente, no estado Paraná, a presença feminina no meio rural reduziu drasticamente desde a década de 1980, quando foram registradas mais de 1.507.424 mulheres residindo no meio rural, o equivalente a 19,76% da população rural (IBGE, 2011). Ao observar essa mesma relação para o município de Santa Helena, na Costa Oeste do estado, essa relação significava 38,14% para o mesmo período. No entanto, o êxodo rural, protagonizado especialmente por mulheres e jovens, conduziu a um contexto em que a presença feminina representava, em 2010, 6,96% no estado e 22,8% no município de Santa Helena, evidenciando marcante redução (IBGE, 2011). Estudos sobre o protagonismo feminino do meio rural datam da década de 1990 e 2000, ganhando fora em anos recentes, especialmente diante do reconhecimento de órgãos internacionais, em especial legitimados pela ONU (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1998; BRUMER, 2004, DEERE, 2004).

Hoje, de certa forma, ao menos uma parcela dessa população feminina já está sendo educada para investir em sua formação e assumir novos cargos e funções dentro da produção familiar. Apesar de essas tendências pontuais parecerem encorajadoras, estamos longe de descartar o cenário de masculinização do campo

e de invisibilidade social que é o padrão dominante para muitas mulheres no meio rural.

Por isso, para uma participação mais equitativa das mulheres rurais, assim como para as famílias em geral, o acesso à informação por meio de redes de diálogo, que gerem confiança e favoreçam a co-criação de soluções, mostra-se como uma chave para incentivar a permanência desse público no meio rural. Assim, este projeto de extensão se propõe a atuar junto a mulheres rurais de contextos socioculturais específicos no município de Santa Helena, no oeste do Paraná. Portanto, o objetivo geral desse projeto é realizar oficinas de reconhecimento do papel e do protagonismo de mulheres rurais por meio do uso de métodos participativos, promovendo oportunidades de empoderamento e de construção de redes de diálogo para superação da marginalização feminina e da melhoria da qualidade de vida, aliado a formação de agrônomos humanamente mais sensíveis a questões sociais.

MÉTODO

As atividades do projeto de extensão estão divididas em dois âmbitos de ação. Um que compreende encontros e atividades da equipe executora, outro em que a equipe colocou em prática algumas das oficinas junto às mulheres rurais e suas famílias. No que concerne à equipe de trabalho, está constituída por docentes e discentes da UTFPR dos cursos de Agronomia e Ciência da Computação, pesquisadora da UnB e agentes do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Santa Helena. Os encontros prévios foram importantes para leituras e diálogos sobre o tema, alinhamento das ações, distribuição das responsabilidades e levantamento de dados secundários.

Assim, as oficinas foram realizadas com grupo de mulheres rurais e suas famílias, compreendendo seis mulheres, um homem (marido de uma das integrantes) e uma criança (neta de uma das integrantes). O propósito é que as trocas se tornem gatilhos de reflexão sobre a sua realidade, visto que ouvir a história do outro é um meio para repensar a própria. Essa escolha metodológica favoreceu o diálogo intergênero, permitindo que o aprendizado durante o treinamento fosse mais facilmente socializado no interior da família e da comunidade por meio de métodos participativos.

De forma resumida, houveram duas oficinas com as mulheres. A primeira consistiu da aproximação inicial, em que a equipe se apresentou e expuseram a proposta para os encontros, convidando as mulheres e suas famílias a participarem, tendo o consentimento e aceite.

Na segunda oficina foi aplicada a técnica de facilitação e de participação Café Mundial, conduzida pelas estudantes da agronomia, com acompanhamento e suporte da coordenadora do projeto. O Café Mundial (*World Café*) é uma técnica de facilitação de diálogo que foi desenvolvida em 1995, por Juanita Brown e David Isaacs. O processo do café, de algum modo, capacita grupos a terem acesso a uma inteligência colaborativa, que se torna cada vez mais potente na medida em que as trocas de lugares e de conhecimentos acontecem (BROWN; ISAACS, 2007; FERNANDES, 2015). Os quatro pressupostos que norteiam o Café Mundial, apresentados e estabelecidos desde o início das atividades, são: 1) Ninguém é igual

a ninguém; 2) Ninguém é melhor do que ninguém; 3) Ninguém é dono da verdade, e; 4) Todos têm com o que contribuir. Uma técnica de facilitação, como o *World Café*, pode ser um caminho para engajar pessoas em conversas difíceis sobre assuntos complexos, tais como as questões relacionadas ao papel da mulher no meio rural. Essa técnica contribuiu de maneira efetiva para alcançar os objetivos desejados com a oficina.

Assim, a oficina teve dois momentos. Um primeiro contou com um cartaz contendo a pergunta: “O que te faz feliz?”. Todos os presentes participaram do diálogo, enquanto as estudantes faziam o registro no cartaz. A cada repetição de aspecto motivador de felicidade, um asterisco era incorporado no cartaz. Durante e ao fim da confecção do cartaz foi possível encontrar semelhanças no grupo, o que permitiu construir um amalgama de afinidades. O segundo momento consistiu da aplicação da técnica de café mundial, em que os participantes foram divididos em dois grupos, ambos munidos com canetas coloridas, giz de cera, lápis e canetas, para que desenhassem sobre um cartaz entregue a cada grupo, contendo a seguinte pergunta: “Como era ser jovem, mulher e homem na época dos seus avós?”. As estudantes atuaram como facilitadoras, incentivando e motivando a participação de todos.

Os estudantes do curso de agronomia participantes atuaram de forma ativa nos encontros preparatórios para as oficinas e na facilitação das atividades, especialmente motivando a participação de todos de forma igualitárias. Os principais resultados alcançados foram identificados a partir dos diálogos construídos durante as atividades e as apresentações dos desenhos, os quais estão descritos e analisados na sequência.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Os resultados alcançados até o momento, podem ser entendidos sobre dois aspectos: a equipe executora e o público atendido. A respeito da equipe executora, pode-se constatar um alinhamento entre estudantes e agentes do CRAS. As oportunidades de leitura e diálogo oportunizaram especial amadurecimento das estudantes que vem atuando no projeto. A respeito do público atendido, o especial interesse das mulheres nas oficinas pode ser constatado pela pronta resposta positiva delas quando do convite para que seus companheiros e pessoas com quem dividem a casa participassem da atividade. Na oficina com participação das famílias, foi possível confrontar, de forma respeitosa e construtiva, os contrastes das respostas entre homens e mulheres especialmente.

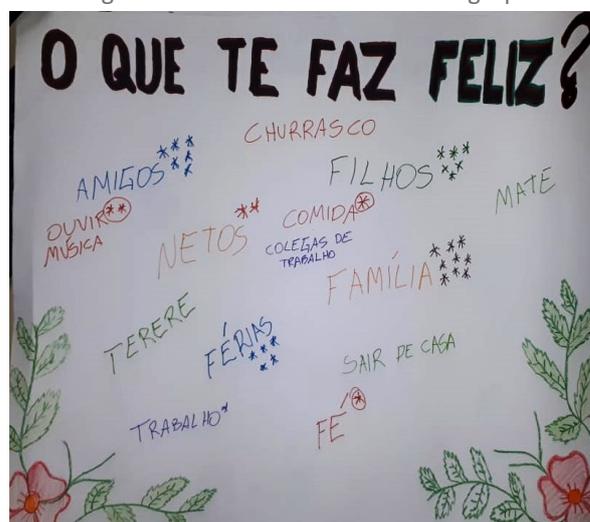
A primeira atividade da oficina, que consistiu em diálogo sobre “O que faz você feliz”, possibilitou que o grupo reunido, estudantes, mulheres e homens rurais, e agentes do CRAS, vislumbrassem as semelhanças e valores em comum. A preponderância dos laços familiares como mecanismo de reconhecimento social e a importância do trabalho, para o sentimento de inclusão e pertencimento, surgiram na dinâmica.

Um aspecto relevante diz respeito a imagem de lazer para o grupo. Em contraste às respostas das estudantes e das agentes do CRAS, as mulheres e homens rurais vislumbram o lazer como atividades em que possam sair de casa, uma vez que o “lar” é também espaço de trabalho. Portanto, estar em casa e

sinônimo de trabalho. As mulheres identificaram essa diferença, ao compreenderem que quem trabalha fora de casa, quando o pode, quer ficar no seu lar.

Nessa oportunidade, foi realizado cálculo do valor financeiro do trabalho das mulheres rurais, por meio de levantamento de todas as atividades realizadas por elas, o valor estimado pago a uma pessoa que realizaria a atividade correspondente, chegando a uma estimativa do preço do trabalho doméstico, comumente invisibilidade nos núcleos familiares. Essa dinâmica resultou em mudança de postura das mulheres participantes, durante a própria oficina, no sentido de sentirem-se valorizadas ao identificarem, por conta própria, e com a presença de outras pessoas da família, o valor do seu trabalho.

Figura 1 – Dinâmica de conexão do grupo



Fonte: Registro dos autores durante as atividades de extensão.

A segunda dinâmica consistiu na construção de respostas à pergunta “Como era ser jovem, mulher e homem na época dos seus avós?” (Figura 2). Para realizar essa atividade, foi organizado dois grupos, para cada um havia uma cartolina, com disponibilidade de giz de cera, lápis de cor, canetinhas, para que desenhassem as respostas. A escolha de desenho ao invés da escrita se deve ao fato de que muitos dos participantes não sabem escrever, ou apenas o fazem para o próprio nome.

Figura 2 – Resultado da oficina de desconstrução sobre “Como era ser jovem, mulher e homem na época dos seus pais/avós?”



Fonte: Registro dos autores durante as atividades de extensão

Os resultados mostram, de maneira geral, uma infância, para muitas mulheres, marcada por violência física e psicológica, que mostram resquícios na personalidade delas hoje. No que concerne à violência contra a mulher, dados apresentados no segundo Plano Estadual dos Direitos da Mulher 2018-2021 do Paraná, apontam para um aumento generalizado da violência contra mulher, em que o número de homicídios de mulheres por agressão cresceu, entre 2001 e 2015, representado na taxa de 26,61 mortes por 100 mil habitantes (SANTOS; REZENDE; MARTINS, 2018). Ainda segundo as autoras, o principal tipo de violência registrado é o físico, representado por 39,33% dos registros, seguido de violência psicológica e moral com 24,29% dos casos. Portanto, esse projeto de extensão atende a uma demanda local, mas também estadual, na medida em que o tema da violência emerge como resultado da infância, mas também permite debater-lo na atualidade e na presença de outros integrantes da família, assim como entre as próprias mulheres.

Aliado a isso, nos desenhos são encontrados símbolos atrelados ao trabalho doméstico especialmente, com poucas atividades que associem a infância com brincadeiras. Foi um momento descontraído, em que foi possível rir e chorar das boas lembranças, mas também trabalhar e ressignificar experiências que não estão armazenadas como boas recordações. Aspectos que emergiram relacionam-se à penosidade do trabalho à época, a falta de oportunidade e de espaço de fala das mulheres e os relacionamentos “arranjados”, muitas vezes abusivos. Por outro lado, os homens pouco percebem esses elementos, julgam que o cenário atual preocupa, uma vez que indicam que “perderam o controle” sobre alguns aspectos das relações sociais. Para as mulheres, isso significa liberdade de escolha e autonomia, para homens, perda de poder.

Em especial, é preciso compreender as relações de poder que orientam as dinâmicas internas das famílias, como também das comunidades rurais em que estão inseridas. Ou seja, se a vulnerabilidade de gênero não é natural, se não construída social e culturalmente, ressignificar essa relação é um caminho possível (SALES, 2007; SOARES, 2017). Assim, os resultados permitem constatar que a autonomia das mulheres ainda é recente na sociedade e necessita importantes avanços.

CONCLUSÕES

Os resultados parciais permitem apontar que os objetivos propostos estão sendo alcançados. Os conhecimentos sobre o tema do protagonismo feminino no meio rural estão sendo fortalecidos junto a equipe executora por meio da realização do projeto. Em especial, o projeto tem oportunizado espaço para ampliar conhecimentos, por meio de diálogos, leituras e acesso à dados que permitam ilustrar o panorama geral da presença feminina do meio rural.

Além disso, a UTFPR, por meio dos estudantes de Agronomia e do corpo docente participante, tem possibilitado o reconhecimento da instituição quanto a ações que visam atuar em problemas reais, demonstrando que o profissional agrônomo, formado nessa instituição é diferenciado na medida em que tem olhar holístico sobre o rural ao reconhecer a importância de aspectos socioculturais e de categoriais sociais produtivas comumente marginalizadas e invisibilizadas.

Além desses aspectos, o projeto tem cultivado importante semente, que almeja promover reflexão nos núcleos familiares e especialmente nas mulheres rurais sobre seu protagonismo e importância. Romper com crenças e padrões culturais é desafiador, nosso desafio é implantar novas formas de olhar o protagonismo feminino, em meio ao contexto rural do município.

Vale esclarecer que o projeto está em desenvolvimento, alcançando sucesso com o público atendido e despertando interesse para que as atividades sejam desenvolvidas com outros grupos localizados no meio rural do município de Santa Helena. Assim, a continuidade do projeto é fruto dos bons resultados alcançados até o momento, tanto com o público atendido, como com o amadurecimento das estudantes envolvidas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Santa Helena/PR, em particular as assistentes sociais Andreia Henrichs e Nágila Goeller, e a Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Santa Helena. Agradecimento especial às mulheres rurais e suas famílias, que aceitaram participar das oficinas e compartilhar suas histórias conosco.

REFERÊNCIAS

BROWN, Juanita; ISAACS, Did. **O World Café**: dando forma ao nosso futuro por meio de conversações significativas e estratégicas. São Paulo: Cultrix, 2007.

BRUMER, Anita. Gênero e agricultura; a situação da mulher na agricultura no Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n.1, p. 205-227, 2004.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 45-66, jul./dez. 1998.

DEERE, Carmen Dias. Os direitos da mulher à terra e os movimentos sociais rurais na reforma agrária. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, p. 175-204, 2004.

FERNANDES, Maria Eugênia Seixas de Arruda Camargo. **O World Café e o aprendizado pelo diálogo**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Populacional, 2010**. Bancos de Dados, SIDRA, Tabela 200. Brasília: IBGE, 2011.

LISBOA, Teresa Kleba; LUSA, Mailiz Garibotti. Desenvolvimento sustentável com perspectiva de gênero – Brasil, México e Cuba: mulheres protagonistas no meio rural. **Revista Estudos Feministas**, v. 18, n. 3, p. 871-887, 2010.

LITRE, Gabriela. Scientific Uncertainty and Policy Making: How can Communications Contribute to a Better Marriage in the Global Change Arena?. In: BRAIMOH, Ademola K.; HUANG, He Qing. (Org.). **Vulnerability of Land Systems in Asia**. 1ed., Chichester, West Sussex, UK; Hoboken, NJ : Wiley Blackwell, 2015. p. 311-319.

LITRE, Gabriela; CURI, Melissa. **A Força da Mulher no Campo: Protagonismo Feminino e Sustentabilidade Rural**. Brasília: IABS, 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. Nações Unidas Brasil. **ONU Mulheres**. FAO lança quarta edição da campanha ‘Mulheres Rurais, Mulheres com Direitos’. Publicado em 08/03/2019. Disponível em: <<http://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1184620/>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

SAITO, Carlos Hiroo; NOGUEIRA, Daniela. Gênero: uma abordagem necessária para a gestão das águas. **Sustentabilidade em Debate**, Brasília, v. 8, n. 3, p. 13-15, dez/2017.

SALES, Celecina de Maria Veras. Mulheres Rurais: Tecendo Novas Relações e Reconhecendo Direitos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 437-332, maio-agosto/2007.

SANTOS, Rhaiza; REZENDE, Tamara Zazera; MARTINS, Mariane Batista. **Plano Estadual dos Direitos da Mulher: 2018-2021**. Curitiba, PR: Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social (SEDS), 2018.

SILVA, Milanya Ribeiro da. et al. Mulheres do Sertão: avaliação dos impactos do Pronaf Mulher para a autonomia feminina do Semiárido Cearense. In: CHACON, Suely Salgueiro; NASCIMENTO, Verônica Salgueiro; LIMA JÚNIOR; José Ferreira. (Org.). **Participação, Protagonismo Feminino e Convivência com o Semiárido**. 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond, IABS, 2015. p. 11-34.

SOARES, Denise. Vulnerabilidad y género: un acercamiento a los riesgos de desastres desde el sur de México. **Sustentabilidade em Debate**, Brasília, v. 8, n. 3, p. 51-63, dez/2017.

SPANVELLO, Rosani Marisa; MATTE, Alessandra; BOSCARDIN, Mariele. Crédito rural na perspectiva das mulheres trabalhadoras rurais da agricultura familiar: uma análise do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). **Polis** (Santiago. en Línea), v. 44, p. 1-15, 2016.